

Tradução literária do conto *La zanja*, de Roxana Popelka
Translation of the short story "La zanja", by Roxana Popelka

Andreia dos Santos Menezes¹

Carolina Camargo Soares Figueiredo²

Gabriele da Costa Rodrigues³

RESUMO

O presente texto propõe apresentar a tradução literária do conto *La Zanja*, escrito originalmente em espanhol, publicado no livro *Tortugas Acuáticas* (2006), de Roxana Popelka (1966-). Popelka é uma escritora espanhola que, embora tenha publicado vários contos e romances, não possui nenhuma de suas obras traduzidas ao português. Ao realizar a presente tradução pretende-se, em primeiro lugar, dar a conhecer em português brasileiro a obra dessa autora contemporânea de substancial e qualificada produção literária. Em segundo, almeja-se colaborar com um movimento que busca dar visibilidade a obras produzidas por mulheres, com vistas a que sejam mais traduzidas, bem como mais estudadas na academia. *La Zanja* problematiza questões como identidade, sexualidade, relações familiares e sensação de pertencimento.

Palavras-chave: Tradução literária; conto; literatura espanhola; Roxana Popelka; *La Zanja*.

ABSTRACT

This text presents the translation of the short story, originally written in Spanish, *La zanja*, published in the book *Tortugas Acuáticas* (2006), by Roxana Popelka (1966-). Popelka is a Spanish writer who, although has published several short stories and novels, has none of her

¹ **Minibiografia** da orientadora: Concluiu doutorado em Letras em 2012 pela Universidade de São Paulo e mestrado em Letras em 2006 pela mesma instituição. Graduou-se em Letras (Português e Espanhol) em 1998 pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de Pós-doutorado na Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos, em 2018. É professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: amenezes@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0713-2060>.

² **Minibiografia** da autora I: Mestra em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, pela Universidade Federal de São Paulo, em 2020. Bacharela e licenciada em Letras (Português e Espanhol), em 2017, pela mesma universidade. E-mail: camargo.figueiredo@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4928-5804>.

³ **Minibiografia** da autora II: Licenciada em Letras (Português e Espanhol), em 2020, pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: gabszrz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5227-719X>.



works translated to Portuguese. The present translation of a text originally written in Spanish intends, firstly, to make known in Brazilian Portuguese the work of this contemporary author of a substantial and qualified literary production. Secondly, it aims to collaborate with a movement that seeks to give visibility to works produced by women, translating them and contributing to their studies in academia. *La Zanja* problematizes issues such as identity, sexuality, family relationships and the feeling of belonging.

Keywords: Literary translation; short story; spanish literature; Roxana Popelka; “La Zanja”.

1. Considerações iniciais

Roxana Popelka (1966-) é uma autora espanhola que, apesar de ser pouco conhecida no Brasil, possui uma quantidade significativa de publicações – que abrangem artigos, contos e romances –, além de colaborar e dirigir revistas literárias. Seus artigos abordam temas como a identidade, a criação e as práticas artísticas relacionadas à sociologia feminista. Desde 1996, a autora também se dedica à arte de ação, realizando performances dentro e fora da Espanha. Além disso, é co-diretora e roteirista de vários curtas-metragens.

Cientista social e política, doutora em Filosofia, Roxana Popelka não hesita em explorar temas tão importantes e presentes na atualidade, tendo em suas obras referências consideráveis que enfocam temáticas e personagens femininas. Suas linhas de investigação percorrem os Estudos de Gênero, dentro da perspectiva dos discursos de poder nos meios de comunicação, além de analisar a criação e a identidade dentro da cultura de massas, também pela perspectiva de gênero. (POPELKA, s.d)

O conto *La zanja*, que traduzimos aqui, integra o livro de relatos *Tortugas Acuáticas*, publicado em 2006 pela editora espanhola Baile del Sol. Sobre tal obra, Vicente Muñoz Álvarez (2007) faz as seguintes considerações:

Tortugas acuáticas, seu primeiro livro de contos, analisa com uma incomum maturidade a estrutura da suposta sociedade assistencialista em que vivemos, suas misérias latentes, suas mentiras e escravidões, suas armadilhas, sua automatização, suas consequências anímicas e suas sequelas. As relações entre casais, os problemas de comunicação, os fracassos sentimentais,



o trabalho, os filhos, o passar do tempo, a convivência e os sonhos destruídos são os fios condutores deste magnífico conjunto de relatos.⁴ (tradução nossa).

Em *Tortugas acuáticas*, Roxana Popelka propõe ao leitor uma imersão no cotidiano através de uma voz particular. Como aponta Inés Matute (2007), o livro é descritivo, os relatos são intensos e, ao mesmo tempo, breves; através do olhar do narradores é possível perceber as nuances de desencanto e apatia, ao mesmo tempo em que possibilita o aflorar de um sentimento de ternura, sem diminuir o valor de cada relato. Matute também destaca que a escrita de Popelka é repleta de tons e matizes, que podem ser lidos como momentos que levam o leitor à reflexão por meio de toques ásperos e duros de temáticas fortes, mas que também não perdem a delicadeza que se espera em determinadas situações.

Com a seleção de um conto de Roxana Popelka, pretendemos, em primeiro lugar, contribuir para que esta escritora espanhola contemporânea tenha a possibilidade de ser apreciada também em língua portuguesa, visto que sua obra é substancial e reconhecida por sua relevância artística na produção de narrativas ficcionais. Em segundo, almejamos nos integrar ao movimento que busca dar maior visibilidade a obras escritas por mulheres, no intuito de que sejam mais traduzidas, bem como mais estudadas na academia. Isso porque, como apontam pesquisas que fazem intersecção entre os Estudos de Gênero e de Tradução, a maioria das obras literárias publicadas e traduzidas no mundo são de autoria de homens, embora mulheres também estejam produzindo textos de qualidade (FRIESEN BLUME, 2013).

O conto selecionado, como veremos a seguir, apresenta uma garota como personagem narradora, em primeira pessoa. O enredo gira em torno de um dos momentos que determinam a passagem de uma menina para a adolescência e das limitações impostas às mulheres desde a infância quando comparadas aos homens. Dessa maneira, neste conto questões de gênero são centrais. Observemos a tradução realizada na próxima seção.

⁴ *"Tortugas acuáticas, su primer libro de cuentos, disecciona con una inusual madurez el entramado de la pretendida sociedad de bienestar en que vivimos, sus miserias latentes, sus mentiras y servidumbres, sus trampas, su automatización, sus consecuencias anímicas y sus secuelas. Las relaciones de pareja, los problemas de comunicación, los fracasos sentimentales, el trabajo, los hijos, el paso del tiempo, la convivencia y los sueños rotos son los hilos conductores de este magnífico conjunto de relatos."*



2. Tradução do conto *La zanja*

La zanja

Mi padre hubiera querido otro varón, como mi hermano, pero nació mujer. Nunca hemos hablado del asunto pero sé que las niñas le fastidian. Tiene prejuicios, eso es. Cree que todas llevan un lazo en el pelo, o prendedores con forma de corazón, y que les gusta el color rosa. También piensa que las niñas corren poco, que no son valientes. Pero yo no soy así. Siempre tuve claro que si no imitaba a mi hermano sería una carga para mi padre, me odiaría. Así que desde que tengo uso de razón repito instintivamente las hazañas de mi hermano; si hay que encaramarse hasta lo más alto de la rama de un árbol, trepo sin dudar. Cuando baja sin manos una cuesta en bicicleta, desciendo pegada a su lado. Si le da por cruzar el río embutido en unas botas de pescar, lo sigo, aunque la corriente me arrastre y no me permita avanzar.

Mi atuendo está acorde con la situación; nada de faldas o vestidos que impidan la libertad de movimientos que necesito, ni de complementos ridículos tipo; bolsos de larga bandolera, diademas en el pelo, anillos o cualquier otro símbolo que pueda sugerir que soy una niña.

Nunca he tenido muñecas, supondría una deshonra, aunque he de confesar que a veces observaba asombrada a otras niñas mientras pasaban horas jugando con ellas; cambiándoles los vestidos, o paseándolas en sus cochecitos. Precisamente usábamos esos trastos, mi hermano y yo, para subirnos encima y rodar por el angosto pasillo de nuestra casa.

Con los años también he aprendido a orinar de pie. Al principio con bastante torpeza. Lo salpicaba todo, aunque después de mucha

A vala

Meu pai queria outro menino, como meu irmão, mas nasci mulher. Nunca falamos do assunto, mas eu sei que as meninas o irritam. Ele tem é preconceito, isso sim. Acredita que todas usam laço, ou prendedor de cabelo com corações, e que gostam de rosa. Também pensa que as meninas correm pouco e não são corajosas. Eu não sou assim. Sempre foi claro pra mim que se eu não imitasse o meu irmão seria um peso pro meu pai, ele me odiaria. Por isso, desde que me conheço por gente repito instintivamente as brincadeiras de meu irmão; se tenho que escalar até o galho mais alto de uma árvore, subo sem pensar duas vezes. Quando ele desce uma ladeira de bicicleta sem as mãos, desço grudada nele. Se dá na telha dele atravessar o rio com uma galocha, eu o sigo, mesmo que a correnteza me arraste e não me deixe continuar.

Me visto de acordo com a situação; nada de saias ou vestidos que atrapalhem a liberdade de movimentos que preciso, nem de acessórios ridículos; bolsas, tiara no cabelo, anéis ou qualquer outro sinal que possa indicar que sou uma menina.

Nunca tive bonecas, seria uma desonra, mas confesso que às vezes olhava surpresa as outras meninas que passavam horas brincando com elas; trocando os vestidos das bonecas, ou passeando com elas em seus carrinhos. Meu irmão e eu usávamos esses mesmos carrinhos, só que para subir em cima e andar pelo corredor apertado da nossa casa. Com o passar do tempo também aprendi a fazer xixi em pé. No começo tinha muita dificuldade. Respingava em tudo, mas depois de muita prática consigo abrir as pernas pra



práctica soy capaz de abrir las piernas y meterme por entre la taza y controlar el chorro del pis desde que sale del conducto urinario hasta que cae justo en la taza del váter. Nadie lo sabe. Ni en el colegio, ni mi hermano. Ni siquiera mi padre. Cierro la puerta con pestillo y jamás permito que entren conmigo al aseo. Es un secreto.

De cuando en cuando mi hermano se queda mirándome. Estoy hinchando la rueda de la bicicleta y me pregunta con su habitual ingenuidad mientras busca en el cajón alguna cinta de música para poner en su nuevo cassette:

- ¿Por qué nunca traes a casa a tus amigas?
- No creo que quieran venir – respondo.
- Llámalas, si no lo haces nunca vendrán.
- No insistas, no me apetece, no quiero que nadie venga a casa, contesto impassible.

No sabe qué decir, así que se levanta de la silla y escoge una cinta de la Creedence Clearwater Revival. Escucho atenta Suzie Q. Trato de tararear el estribillo de la canción. Ahora pone Put a Spell on you. No me importa. Cualquier tema del grupo me gusta. Lo deixo solo en la habitación mirando por la ventana, hay unos cuantos eucaliptus secos.

En definitiva no hacía nada de lo que se suponía que debía de hacer una niña. Era libre, era feliz. Al menos eso pensaba, pero sobre todo tenía la completa certeza de que mi padre estaba orgulloso de mí. Contaba con su aprobación, con su confianza. Estaba claro que no era un varón, pero tampoco era una típica niña. Era algo indeterminado y

ficar em cima do vaso e controlar o jato do xixi desde quando sai até a hora que cai na privada. Ninguém sabe disso. Nem o pessoal da escola, nem o meu irmão. Nem sequer o meu pai. Tranco a porta, nunca deixo que entrem comigo no banheiro. É um segredo.

De vez em quando pego meu irmão me olhando. Estou enchendo o pneu da bicicleta e ele me pergunta, com sua ingenuidade de sempre, enquanto procura na caixa alguma fita cassete para colocar no seu novo toca-fitas:

- Por que você nunca traz as suas amigas aqui em casa?
- Acho que elas não querem vir – respondo.
- Se você não chamar, elas nunca vão vir.
- Não insiste, não estou a fim, não quero que ninguém venha aqui em casa, respondo sem dar atenção.

Ele não sabe o que dizer, então se levanta da cadeira e escolhe uma fita da *Creedence Clearwater Revival*⁵. Ouço com atenção a letra de *Suzie Q*. Começo a cantarolar o refrão da música. Agora ele coloca *Put a Spell on you*. Tanto faz. Eu gosto de qualquer música deles. Deixo ele sozinho no quarto, olhando pela janela. Há alguns eucaliptos secos.

Definitivamente, eu não fazia nada do que era esperado que uma menina deveria fazer. Eu era livre, feliz. Pelo menos era isso o que eu pensava, mas acima de tudo, tinha a plena certeza de que o meu pai estava orgulhoso de mim. Eu contava com a sua aprovação e confiança. Era claro que eu não era um menino, mas também não era uma menina

⁵ *Creedence Clearwater Revival* foi uma banda estadunidense de rock, popular no final da década de 60 e começo da década de 70. A manutenção do nome da banda e do título da música *Suzie Q* e *Put a Spell on You* ao invés de uma adaptação por um nome de uma banda mais conhecida no Brasil é explicada pela influência e repercussão internacional da canção *Put a Spell on You*, escrita por Jay Hawkinson e que teve versões diversas, sendo uma das mais conhecidas a de Nina Simone e a da banda CCR no festival Woodstock, além de ter sido usada em versões de rap e hip hop por artistas como Notorious B.I.G.



caminaba con inocencia por los contornos de la imprecisión.

Todo iba bien. Mi padre creía en mí, lo sé. Me valoraba por mi arrojo al tirarme de cabeza desde la roca más alta de aquella poza, o por saber conducir, aunque no tuviera edad para ello; me despertaba temprano, no había tráfico, todo despejado: “Bien, ahora para en esta cuesta, pon punto muerto, mete la primera y sal despacio, sin calar el coche”, decía cuando me llevaba a practicar. Quería que supiera conducir cuanto antes, decía que conducir era tan importante como saber leer, así que, aunque amedrentada, trataba de manejar lo mejor posible. Pero algo ocurrió y cambió el curso de los acontecimientos.

Me veo con 14 años, me levanto de la cama, voy al cuarto de baño, descubro mis bragas manchadas de sangre, salgo corriendo a comprar, muerta de miedo, de vergüenza, un paquete de compresas. Es el final pienso, esto sí que es el final, me digo. Debo encarar la situación y decirle a mi padre: tengo la regla, se acabó. Pero no tengo valor. Dejo pasar los días y mientras lo voy pensando, mientras pienso cómo se lo voy a decir, cómo le voy a explicar todo aquello, mientras las cosas van asentándose en mi cabeza, tiro las compresas por el váter porque nadie tiene que enterarse de esto, aunque sea una tontería, para mí no lo es, y sigo tirando las compresas por el váter hasta que se atasca. Entonces mi padre me pregunta si sé por qué se ha atascado. Le miento, le digo que no sé nada, que no he tirado nada. El váter queda inutilizado. Tenemos que orinar en otro sitio. He montado un gran follón en casa, todo por las malditas compresas, por mi estúpido temor. Tenía que venirme la regla – pienso – justo en este momento. Bien, hasta cuándo querías prolongar el acontecimiento, me digo.

típica. Era alguma coisa indefinida e andava com inocência pelas margens da incerteza.

Tudo ia bem. Meu pai acreditava em mim, eu sei. Me valorizava pela ousadia em pular de cabeça da pedra mais alta até o lago, ou por saber dirigir, mesmo que não tivesse idade pra isso; me acordava cedo, não tinha trânsito, tudo vazio: “Bem, agora para nessa ladeira, coloca no ponto morto, muda para primeira e sai devagar, sem deixar o carro morrer”, dizia quando me levava para praticar direção. Ele queria que eu soubesse dirigir o quanto antes, dizia que isso era tão importante quanto saber ler; então, mesmo com medo, eu dava um jeito de dirigir o melhor possível. Mas algo aconteceu que mudou o rumo dos acontecimentos.

Me vejo com 14 anos, me levanto da cama, vou ao banheiro e percebo a calcinha suja de sangue, saio correndo, morrendo de medo, e de vergonha, para comprar um pacote de absorventes. É o fim, penso, isso é o fim, digo pra mim mesma. Tenho que encarar a situação e contar para o meu pai: menstruei, já era. Mas eu não tenho coragem. Deixo o tempo passar e vou pensando, enquanto planejo como dizer para ele, como explicar tudo aquilo, ao mesmo tempo em que as coisas vão se encaixando na minha cabeça, joga os absorventes no vaso porque ninguém precisa saber disso, mesmo que seja uma bobagem, para mim não é, e continuo jogando os absorventes dentro do vaso até entupir. Então, meu pai me pergunta se eu sei por que entupiu. Minto para ele, digo que não sei de nada, que não joguei nada. Não dá para usar o vaso. Temos que fazer xixi em outro lugar. Causei uma grande confusão em casa, tudo por causa dos malditos absorventes, pelo meu medo idiota. A menstruação tinha que vir justo neste momento – penso. Bem, até quando você



*Entonces veo a mi padre y a mi hermano, a los dos, cavar una zanja en el jardín para comprobar por qué se ha atascado el váter. Están haciendo un hoyo enorme, lo levantan todo. Levantan las baldosas, la acera y yo estoy horrorizada, estoy temblando, no quiero verlos. Voy a dar un paseo, a intentar distraerme. Vuelvo y oigo a mi padre que me llama. Tiene puestos los guantes de cavar porque está cavando la maldita zanja. De pronto veo como coge una compresa medio mojada, deshecha. La saca de la profundidad del agujero y la coloca frente a mis ojos, puedo verla con total precisión; está embarrada, ensangrentada. Me la enseña, no dice nada. Baja la cara. Es el final...
Todavía no sé cómo pude llegar a traspasar el límite. (POPELKA, 2015)*

queria adiar esse acontecimento? – digo para mim mesma. Então, vejo meu pai e meu irmão, os dois, cavando uma vala no jardim para descobrir por que o vaso entupiu. Estão fazendo um buraco enorme, levantam tudo. Levantam o piso, o cimento e eu estou apavorada, estou tremendo, não quero vê-los. Vou dar uma volta, tento me distrair. Volto e ouço o meu pai me chamar. Ele está usando luvas porque está cavando a droga da vala. De repente vejo como ele pega um absorvente meio molhado, destruído. Ele retira do fundo do buraco e coloca na frente dos meus olhos, e vejo com total clareza; está enlameado, ensanguentado. Ele só me mostra, não diz nada. Abaixa a cabeça. É o fim...
Ainda não sei como pude passar do limite.

3. Considerações finais

O processo de tradução do conto foi desafiador e criativo, como a maioria das traduções literárias o são. Possibilitou às autoras a leitura do conto *La Zanja*, de uma autora espanhola pouco conhecida no Brasil, conforme anunciado nas considerações iniciais. Também foi importante ao garantir a tradução ao leitor de língua portuguesa. Ademais, o conto possui narrativa e temática que dão voz à uma personagem adolescente, no contexto tão complexo da primeira menstruação.

A questão da visibilidade de uma voz feminina não é mero detalhe, se faz necessário ressaltar que a escritora traz uma reflexão significativa através da personagem mulher que fala por si, não pela mediação de um narrador, assim, há um posicionamento crítico, pois no meio literário, durante séculos, a escrita feminina e os temas deste universo foram silenciados e marginalizados ou expressados pela perspectiva de escritores, narradores e tradutores homens.



Ao realizar esta tradução, nós, tradutoras mulheres, buscamos contribuir com possíveis estudos feministas e diálogos acerca do corpo e da aceitação, levando em consideração que a tradução é indispensável para forjar alianças políticas em prol da justiça social, equidade de gênero, antirracistas, pós-coloniais e anti-imperialistas (COSTA; ALVAREZ, 2013, p. 580).

4. Nota de fim de texto

O conto *La Zanja* foi publicado em 2006 no livro *Tortugas acuáticas* lançado pela editora Baile del Sol, que fechou em 2018. Os direitos autorais pertencentes à editora eram válidos até 2012, quando voltaram para a autora, Roxana Popelka, que autorizou a tradução aqui apresentada.

5. Referências

- ÁLVAREZ, Vicente Muñoz. Tortugas acuáticas. *Revista LUKE*. n. 85, mai. 2007. Disponível em: <http://www.espacioluke.com/2007/Mayo2007/munoz.html>. Acesso em 23/01/2020.
- COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia E. A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 21, n. 2, mai./ago. 2013. p. 579-586. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200009>. Acesso em 24/11/2020.
- FRIESEN BLUME, Rosvitha. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 121-130, jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29656/24808>. Acesso em 14/02/2020.
- MATUTE, Inés. Tortugas acuáticas, Roxana Popelka. *La Tormenta en un Vaso*. 13 ago. 2007. Disponível em: <http://latormentaenunvaso.blogspot.com/2007/08/tortugas-acuticas-roxana-popelka.html>. Acesso em 20/12/2019.
- POPELKA, Roxana. La zanja. *Roxana Popelka*. 5 jul. 2015. Disponível em: http://roxanapopelka.blogspot.com/2015/07/la-zanja_5.html. Acesso em 12/02/2020.
- POPELKA, Roxana. Biografía. *Roxana Popelka*. Madri, s/d. Disponível em: <http://roxanapopelka.blogspot.com/p/biografia.html>. Acesso em 18/05/2019.

